



Jornalismo de Perspectivas (ou Jornalismo Xamânico)

Autora: Lara Linhalis Guimarães

O conceito propõe uma nova visada sobre a agência “jornalismo”: é, sobretudo, uma provocação teórica apadrinhada pela habilidade dos xamãs na cosmologia ameríndia. Trata-se de um experimento conceitual, nó de uma rede em curso, baseado no deslocamento transespecífico dos xamãs, ou seja, no modo como os mestres do esquematismo cósmico traduzem mundos. Dom ou trabalho - e também os dois ao mesmo tempo -, jornalistas e xamãs se encontram na labuta de traduzir o mundo aos demais membros de certo coletivo. Aos jornalistas, cabe a lógica cientificista: mais conheço quanto mais me afasto. Aos xamãs, a (des)lógica ameríndia: mais conheço quanto mais me aproximo. Como aproximar os dois, na bruteza reducionista de um conceito, o Jornalismo de Perspectivas (ou Jornalismo Xamânico)?

O jornalismo, em seu viés de serviço prestado à sociedade por meio de empresas de comunicação, cresceu com o desenvolvimento capitalista. Os xamãs, em sua natureza transespecífica e conciliadora, seguram o céu prestes a cair por conta de ambições alimentadas por um modo hegemônico de produção de riqueza que é predatório. Não poderiam estar mais diametralmente opostos. A boa ironia é que, suponho, uma invenção possível de jornalismo inspira-se justamente no xamanismo, essa prática-vida de tradução de mundos que possibilita o diálogo transespecífico nas cosmologias ameríndias. E está no xamanismo, como inspiração, por ao menos alguns motivos: a comunicação pelo equívoco (Viveiros de Castro, 2015); o modo como o xamanismo administra o encontro de perspectivas, ou, ainda, a maneira como permite o deslocamento de si para conhecer o outro; a ética do zelo; o animismo revisitado, considerando sobretudo o papel ativo dos objetos técnicos na agência sobre o mundo (Latour, 1994; Lemos, 2013); e o interesse pela jurisprudência, mais que pela lei ou pelas leis (Viveiros de Castro, 2015).

Esta proposta tem como desenho de rota alguns pontos perenes: 1) refletir sobre a tradução de mundo performada pelo jornalismo, tal qual a epistemologia objetivista legítima, assim como buscar compreender, no âmbito das práticas xamânicas, o modo como as conversações entre espécies de seres realizam traduções e deslocamentos de perspectivas; 2) compreender o modo de conhecer dos xamãs na cosmologia ameríndia; 3) mobilizar uma guinada no olhar sobre o campo jornalístico, inspirada pelo perspectivismo ameríndio; 4) mapear o jornalismo em seu modo diferenciante (o jornalismo de perspectivas,



em seus modos de existência, em sua jurisprudência); 5) contribuir com a construção de uma base teórica de referência para futuras pesquisas, amparada pela aliança entre correntes contemporâneas da antropologia, cosmologia ameríndia e estudos de comunicação e jornalismo; 6) fornecer instrumental teórico-reflexivo para a invenção (Wagner, 2010) de jornalismo(s) que encarem o Outro (humanos e não humanos) como margem da existência do Próprio.

Referências

- ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LEMOS, André. **A comunicação das coisas: Teoria ator-rede e cibercultura**. São Paulo: Annablume, 2013.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac e Naify, 2015.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo. Cosac Naify. 2010.

